

Gordon Matta-Clark: desfazer o espaço*

Elena O'Neill

Resenha da exposição Gordon-Matta-Clark: Desfazer o Espaço, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, de 6 de maio a 25 de julho de 2010, chama a atenção para alguns aspectos que dialogam com a história, a arte e com a arquitetura.

Espaço, forma, ação.

* Resenha recebida em julho de 2010 e aceita para publicação em setembro de 2010.

As obras de Gordon Matta-Clark no Paço Imperial colocam a questão da entrada dos trabalhos nas salas de exposição, como essa entrada modifica seu valor e o risco de que os prive de sua vitalidade; também incitam a pensar a tensão entre a escrita da história da arte reduzida a seu aspecto estético e a escrita da história da arte como exame das condições de possibilidade das obras. Oferecer resistência à tentação de apagar tensões e contradições pressupõe entender a complexidade do processo, as articulações críticas e poéticas dos trabalhos de Matta-Clark com seu contexto (principalmente em Nova York, mas também em Santiago de Chile e várias cidades europeias), com o momento histórico (a década de 1970), com a arte e a arquitetura. Um primeiro nível dessa fricção está presente no choque entre, por um lado, os textos, desenhos, fotografias e vídeos de Matta-Clark e, por outro, a tentativa do espaço de exposição de apropriar-se da obra e produzir uma determinada ideia de arte (questão problematizada por Matta-Clark na intervenção no Museo Nacional de Bellas Artes em Santiago de Chile).

1 In Moure, Gloria *Gordon Matta-Clark. Works and Collected Writings*. Madrid: Ediciones Polígrafa, 2006.

Se bem é possível pensar a escrita da história da arte em relação à inserção das obras no espaço, é oportuno lembrar o que Matta-Clark afirma na entrevista com Judith Russi Kirshner, em fevereiro de 1978.¹ Segundo Matta-Clark, ele tenta criar e expandir, de modo artístico, a 'mitologia' do espaço, ainda que ele mesmo não tenha certeza do que 'espaço' significa. Por outra parte, distinguir entre experiências ópticas, experiências visuais, espaços inventados e figurações sem apagar nem abolir distâncias e diferenças entre obras e espaço de exposição possibilita um espaço vivenciado, dinâmico e variável em vez de uma base rígida para nossa experiência; um espaço resultante do processo da percepção, constituído pelo fluxo de sensações e processos intelectuais do cruzamento vacilante entre homem e mundo em vez de encenação estável para arranjos variáveis.

Sem título (Anarquitectura), 1974.

É inegável a quantidade de informação, textos e trabalhos (desenhos, fotografias e vídeos) presentes na exposição. Alguns dos *fotoplastiks* expostos apontam para uma rede complexa de relações, como *Splitting*, *Conical Intersect*, *Office Baroque*, *Circus-Caribbean*

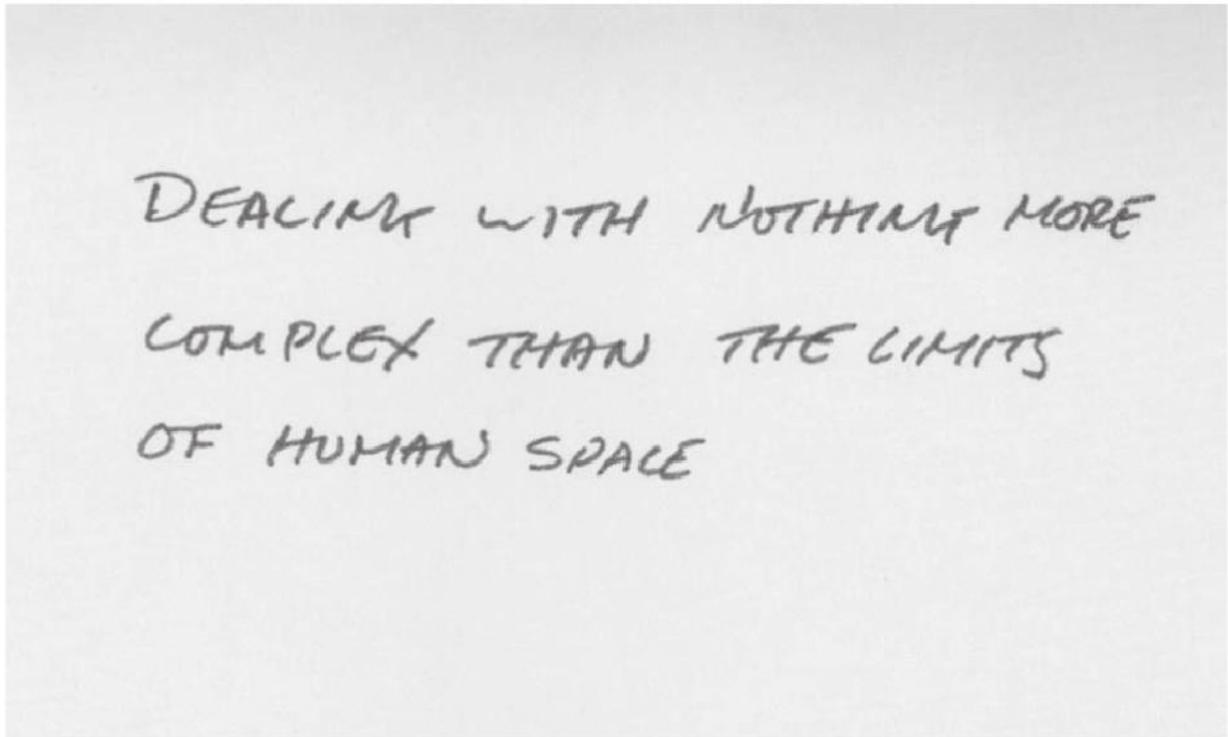
Orange.² Essas colagens, além de situar-se entre vazios que desorientam e representações reconhecíveis, entre esforço físico para fazer os cortes e pautas de movimento que desafiam nossa verticalidade, mostram o processo inverso dos cortes nos prédios. Por outro lado, esses *fotoplastiks* não tentam interpretar uma realidade. São formas e conteúdos condensados resultantes de uma insatisfação com a norma, que não podem ser verificados, que tornam visíveis movimentos oculares e corporais; remetem a um processo visual e mental que ativa um real ainda invisível: constituem uma realidade com suas próprias condições. Em vez de criar ficções para serem contempladas, exigem o esforço de tornar-nos visual e mentalmente ativos. Ao mesmo tempo em que se desmonta o espaço unificado e estático, se constitui o espaço arquitetônico dinâmico “construído” por Matta-Clark nas intervenções. Mas, por se tratar de unidades estruturadas a partir de uma ação, a operação de desfazer/refazer também toca o aspecto material da arquitetura e da linguagem. O que aponta para os textos da série *Anarchitecture* e o confronto físico com a complexidade dos limites do espaço humano.

Os *fotoplastiks* se destacam pela ruptura com o quadro clássico da fotografia e por oferecer uma superfície descontínua. Porém, a tensão existente entre moldura e superfície descontínua, resultante dos cortes e ensablagem de fragmentos de fotografias montados como colagem, nos desafia a pensar o sistema de forças existente entre trabalhos e arquitetura: mais uma vez, olhemos para a série de fotografias da intervenção no Museo Nacional de Bellas Artes de Santiago. Essa inadequação age como cunha que permite desgrudar os trabalhos dos muros, em ressonância com o esforço físico de fazer os cortes e colocá-los na rede de relações e forças esboçadas em desenhos tanto como nos comentários dos “atores”, documentados nos vídeos. Descolar os trabalhos dos muros libera um espaço dinâmico, acúmulo de experiências vividas inerentes ao homem ativo, em movimento, que se recusa a ser dependente de formas e convenções dadas. A dupla *démarche* de desfazer/refazer, pensada como “construção”, restitui uma experiência psíquica: canaliza o fluxo da imaginação, anima as camadas mais arcaicas da psique, ativa um espaço estático tornando-o dinâmico. O homem está no centro da reflexão sobre o espaço, a arte é a medida da liberdade de expressão de uma sociedade: *NOT THE WORK... THE WORKER*.³

Os trabalhos de Matta-Clark são mais complexos do que os cortes nos prédios e que a soma das partes: são também as relações entre as partes. Realidades formais e materiais, blocos de sensações que ressoam com algumas forças do mundo devem ser lidos um em função dos outros. Não devem ser considerados apenas documento ou registro, nem entendidos como dispositivos de memória que produzem memórias anônimas, nas quais desaparecemos como sujeitos. A exposição contém trabalhos que estabelecem inúmeras relações em torno de um vazio estruturante e dinâmico utilizando o marco de pensamento e visão existente, que dialogam tanto com o cubismo quanto com os artistas da década de 1970, com as estratégias e jogos de linguagem duchampianos, com a escrita automática do surrealismo; fazem uma leitura crítica de *Para uma Arquitetura* de Le

² Matta-Clark também intervém nas películas, cortando e colando fragmentos de celuloide, fazendo impressões das colagens em *Cibachrome* a partir de 1977.

³ Art-card de Gordon Matta-Clark. “Não o Trabalho... O Trabalhador”.



Art-card de Gordon Matta-Clark. "Lidando com nada mais complexo que os limites do espaço humano".

Corbusier, ressoam com a definição de Adolf Loos de arquitetura, mostram o impacto da construção do World Trade Center, problematizam a propriedade privada, discutem semelhanças e diferenças entre forma e espaço nos subterrâneos, dialogam com a história da cidade, entendem a cidade como palimpsesto... Desfazer o espaço é um nome tímido, frente ao qual corremos o risco de perder a oportunidade de tirar a arte e a arquitetura de seus lugares estáticos, de interrogá-las, de vê-las como ação. De criar um espaço sem necessidade de construí-lo.

Elena O'Neill (Rio de Janeiro, Brasil) é graduada pela Facultad de Arquitectura, Universidad de la República, Uruguay, mestre pelo PPGARTES/UERJ, doutoranda em História social da Cultura pela PUC-RIO. / eoneill@uol.com.br